

## À minha terra



CASIMIRO DE ABREU

Poeta fluminense, desen-  
carnou aos 18 de Outubro de  
1860, com 21 anos de idade, na  
cidade de Nova Friburgo, aco-  
metido de tuberculose pulmo-  
nar. Figura literária das mais  
típicas do seu tempo, o autor malogrado de *Primaveras* ainda  
aqui se afirma no seu profundo quão suave nativismo lírico.  
Suas composições possuem "um saboroso estilo colorido, sen-  
sível e personalíssimo" — disse Ronald de Carvalho.

Que terno sonho dourado  
Das minhas horas fagueiras,  
No recanto das palmeiras  
Do meu querido Brasil!  
A vida era um dia lindo  
Num vergel cheio de flores,  
Cheio de aroma e esplendores  
Sob um céu primaveril.

A infância, um lago tranquilo  
Onde começa a existência,  
Onde os cisnes da inocência  
Bebem o néctar do amor.  
A mocidade era um hino  
De melodias suaves,  
Formadas de trinos de aves  
E de perfumes de flor.

O dia, manhã ridente,  
Numa canção de alvorada;  
A noite toda estrelada  
Após o doce arrebol:  
E na paisagem querida,  
Os ramos das laranjeiras  
E das frondosas mangueiras  
Douradas à luz do Sol!

Oh! que clarão dentro d'alma,  
Constantemente cismando,  
O pensamento sonhando  
E o coração a cantar,  
Na delicada harmonia  
Que nascia da beleza,  
Do verde da Natureza,  
Do verde do lindo mar!

Oh! que poema a existência  
De infância e de mocidade,  
De ternura e de saudade,  
De tristeza e de prazer;  
Igual a um canto sublime,  
Como uma estrofe inspirada  
Na noite e na madrugada,  
Na tarde e no amanhecer.

De tudo me lembro e quanto!  
A transparência dos lagos,  
As carícias, os afagos  
E os beijos de minha mãe!  
Dos trinos dos pintassilgos,  
Da melodia das fontes,  
As nuvens nos horizontes  
Perdidos no azul do além.

Quando eu cruzava as campinas,  
Sem sombras de sofrimento,  
Descalço, com o peito ao vento,  
Num tempo doce e feliz!  
Os pessegueiros floridos,  
As frondes cheias de amora,  
O manto de luz da aurora,  
Os pios das juritis!

Se a morte aniquila o corpo,  
Não aniquila a lembrança:  
Jamais se extingue a esperança,  
Nunca se extingue o sonhar!  
E à minha terra querida,  
Recortada de palmeiras,  
Espero em horas fagueiras  
Um dia poder voltar.

## A Terra

*(Aos pessimistas)*

CASIMIRO DE ABREU

Se há noite escura na Terra,  
Onde rugem tempestades,  
Se há tristezas, se há saudades,  
Amargura e dissabor,  
Também há dias dourados  
De sol e de melodias,  
Esperanças e alegrias,  
Canções de eterno fulgor!

A Terra é um mundo ditoso,  
Um paraíso de amores,  
Jardim de risos e flores  
Rolando no céu azul.  
Um hino de força e vida  
Palpita em suas entranhas,  
Retumba pelas montanhas,  
Ecoa de Norte a Sul.

Os sonhos dão mocidade,  
As galas da Natureza,  
Livro de excelsa beleza  
Com páginas de esplendor,  
Onde as histórias são cantos  
De górrulos passarinhos,  
Onde as gravuras são ninhos  
Estampados no verdor;

Onde há reis que são poetas,  
E trovadores alados,  
Heróis ternos, namorados,  
Gargantas de ouro a cantar,  
Saudando a aurora que surge  
Como ninfa luminosa,  
A olhar-se toda orgulhosa  
No espelho do grande mar!

Onde as princesas são flores,  
Que se beijam luzidias,  
Perfumando as pradarias  
Com seu hálito de amor;  
Desabrochando às centenas,  
Na estrada onde o homem passa,  
Oferecendo-lhe graça,  
Sorrindo, cheias de olor.

O dia todo é alvorada  
De doces encantamentos;  
A noite, deslumbramentos  
Da Lua, em seus brancos véus!  
A tarde oscula as estrelas,  
Os astros o Sol-nascente,  
O Sol o prado ridente,  
O prado perfuma os céus!...

Quem vive num éden desses,  
E' sempre risonho e forte,  
Jamais almeja que a morte  
Na vida o venha tragar;  
Sabe encontrar a ventura  
Nesse jardim de pujanças,  
E enche-se de esperanças  
Para sofrer e lutar.

Se há noite escura na Terra,  
Abarrotada de dores,  
De lágrimas e amargores,  
De triste e rude carpir,  
Também há dias dourados  
De juventude e esplendores,  
De aromas, risos e flores,  
De áureos sonhos no porvir!...



## Lembranças

CASIMIRO DE ABREU

No sacrário das lembranças,  
Revejo-te, trigueirinha,  
De negras e longas tranças,  
Moreninha.

Teus lindos pés descalçados,  
Pisando de manházinha  
A verde relva dos prados,  
Moreninha.

Os primorosos cabelos  
Enfeitados, à tardinha,  
De miosótis singelos,  
Moreninha.

De olhar sedutor e insonte,  
Quando o teu passo ia e vinha  
Em busca da água da fonte,  
Moreninha.

Teu vulto de campionesa  
Era o porte de rainha,  
Rainha da Natureza,  
Moreninha.

Inda ouço os sons primeiros  
Da tua voz na modinha  
Modulada nos terreiros,  
Moreninha.

Lavando a roupa às braçadas,  
Nos fios d'água fresquinha,  
Sob as mangueiras copadas,  
Moreninha.

Os teus risos adorados,  
Desferidos à noitinha,  
Nos bandos de namorados,  
Moreninha.

A tua oração ditosa,  
Nas missas da capelinha,  
Tão faceira! tão formosa!  
Moreninha.

A placidez do teu rosto  
Com teus modos de avezinha,  
Fitando a luz do sol-posto,  
Moreninha.

O teu samburá de flores  
Que levavas à igrejinha,  
Enchendo a nave de odores,  
Moreninha.

O vestidinho de chita,  
De rosas estampadinha,  
Fazendo-te mais bonita,  
Moreninha.

O nosso idílio encantado,  
Quando te achavas sózinha,  
Sob o luar prateado,  
Moreninha.

Que terna recordação  
De minhalma se avizinha!  
De saudade, de paixão,  
Moreninha.

Ai! Ai! meu Deus, quem me dera  
Rever-te, doce rainha,  
Rainha da Primavera,  
Moreninha.

## Recordando

CASIMIRO DE ABREU

Meu Deus, deixai que eu me esqueça  
Da minha vida de agora,  
Que apenas o meu passado  
Eu possa alegre rever;  
Deixai que me identifique  
Com os raios da luz de outrora,  
Daquela risonha aurora  
Do meu passado viver.

Que eu sinta de novo a vida  
Na infância linda e ditosa,  
Na alegria inalterável  
Do lugar onde nasci;  
Quero rever novamente  
A paisagem luminosa,  
Sentir a emoção grandiosa  
De tudo o que já senti!...

Ah! que eu possa hoje olvidar  
Imensidades, esferas,  
Concepções mais perfeitas  
No progresso que alcancei;  
Que das ruínas, dos escombros,  
Minhalma retire as heras,  
E contemple as primaveras  
Da vida que já deixei.

Quero aspirar os perfumes  
Dos cendais cheios de flores,  
Na fresca sombra dos vales,  
Sob a luz do céu de anil!  
Rever o sítio encantado  
Da minha estância de amores,  
Meus sonhos encantadores,  
Minha terra, meu Brasil!

Escutar os sinos calmos  
Sob a alvura das capelas,  
Enchendo as longes devesas,  
De convites à oração;  
Sentar-me no prado agreste,  
Beijar as flores singelas,  
Mirar a luz das estrelas,  
Ouvir a voz da amplidão!

Correr sob o sol-nascente  
Até que chegue o luar,  
Procurando os passarinhos  
E as borboletas tafuis;  
Que esperança, que ventura!  
Viver, sofrer, e amar  
A campina, o Sol, o mar,  
Campos verdes, céus azuis...

Ser homem e ser criança,  
Toucar-se a alma das galas  
Da poesia inexprimível,  
Da alvorada e do arrebol...  
Oh! Natureza da Terra,  
Que tesouros não exalas,  
Na carícia dessas falas  
Do passarinho e do Sol!

Eu gozo de quando em quando,  
Revendo essa claridade,  
Da existência transcorrida  
Guardada no coração;  
E dos cimos desta vida,  
Na excelsa Imortalidade,  
Verto prantos de saudade  
A luz da recordação.